

CIMEIRA ATRÁS DE CIMEIRA

por Mário Soares

1. Os dirigentes políticos europeus perdem tempo e dinheiro com estas cimeiras europeias que só têm servido, quase sempre, para protelar decisões necessárias e urgentes. Vivemos assim, pelo menos, desde 2008, em que as cimeiras se sucedem e os resultados são nulos ou contraditórios. E a crise continua a agravar-se...

A Chanceler Merkel, vinda do Leste, lá saberá as linhas com que se cose. Mas com as suas tergiversações nunca se sabe o que realmente quer. De seguro, só pensa em ganhar as eleições... O que - diga-se - vai ser difícil. O certo é que passará à história como a grande responsável pelo prolongamento de uma crise que poderia ter evitado desde o início, quando os problemas começaram na Grécia. À Alemanha não teria custado quase nada se, em nome da zona euro, tivesse atalhado logo e ajudado a Grécia, como lhe cumpria. Não o fez. Os bancos alemães saberão porquê. Talvez para os ajudar a ganhar um pouco mais, o que só, transitariamente, conseguiu. O resto foi o que se sabe e que vai custar muito caro à Alemanha no final desta tristíssima história.

Não podendo empurrar a União para uma terceira guerra mundial - a Alemanha não está, felizmente, armada para tanto - vai perder muito, financeira e economicamente, se a União Europeia não vencer a crise em que está cada vez mais envolvida. As suas exportações para os Estados europeus estão a diminuir, por força das circunstâncias. É um sintoma grave.

A Cimeira de Bruxelas, que ocorreu nos últimos dias 18 e 19 do corrente mês foi, ao contrário do que alguns esperavam, um balde de água fria. Mais uma vez discutiu-se muito e adiaram-se todas as medidas que haviam sido prometidas...

François Hollande queria mais. Disse-o numa entrevista ao Le Monde, intitulada "O pior já passou". O que não é o caso. A Chanceler Merkel opôs-se. Menos austeridade e mais crescimento, para diminuir o desemprego? Nem pensar nisso! A Chanceler Merkel não deixou concretizar nada em matéria de redução da austeridade, atirando para outra Cimeira - como tanto gosta de fazer - as decisões a tomar. E os outros Estados-membros obedeceram. Até quando esta contradança vai continuar? Hollande, é certo, lutou. Mas perdeu, bem como todos os Estados vítimas dos mercados. E, assim, se continua a caminhar para o abismo, numa total irresponsabilidade. Tudo pode acontecer...

Além dos três primeiros Estados vítimas dos mercados usurários outros vão aparecendo: a Espanha, nossa vizinha, da qual não temos sido suficientemente solidários, está a entrar numa situação explosiva. A Itália e, mais tarde ou mais cedo, a França, vão ser igualmente vítimas e arrastarão necessariamente, outros Estados-membros. Alguns, aliás, já estão na calha...

Notei, pelo que vi nas televisões, que o nosso Primeiro-Ministro esteve muito silencioso e que, praticamente, só falou com a Senhora Merkel, não demonstrando qualquer solidariedade pelos representantes dos Estados que são vítimas, como nós, dos mercados usurários. Não é de admirar dada a sua ideologia neo-liberal. Mas é lamentável. A falta de solidariedade, em política, paga-se...

No entanto, a opinião europeia começa a manifestar-se por toda a União e a vir para a rua, o que não deixa de ser perigoso - tenho-o escrito várias vezes - para aqueles Governos para os quais as pessoas não contam. Atenção! A revolta que está a amadurecer nas ruas vai complicar-se. E tudo indica, infelizmente, que possa tornar-se violenta... Oxalá me engane!

2. Portugal e a Europa

A crise que afecta o nosso País tem tudo a ver com o euro e a União Europeia em geral. É, por isso, que a diplomacia portuguesa - e o próprio Governo - deveriam estar a seguir com toda a atenção, intervindo sempre que necessário, a evolução política europeia e, em especial, mantendo ligações permanentes e solidárias com os Estados vítimas da especulação dos mercados usurários.

Não é o que tem acontecido, infelizmente, ao longo deste último ano. Realmente, que se saiba, o ministro dos Negócios Estrangeiros, empenhado no que tem chamado "diplomacia económica" - veremos quais serão os resultados - nunca debateu com os seus homólogos a crise europeia e como a vencer. Ou será que o Primeiro-Ministro lhe retirou essa competência para a dar ao Senhor Ministro de Estado e das Finanças?

Contudo, como se sabe, o Ministro das Finanças é, e sempre foi, um economista tecnocrata, distinto, ao que se diz, mas quanto ao problema político e social da crise, como se tem visto, não sabe nada. E falta-lhe de todo a sensibilidade social.

Tem isto a ver com a importância que tem para Portugal a evolução (contraditória, é certo) que está a ocorrer em toda a zona euro e que se irá intensificar, se o Presidente Barack Obama, como espero, ganhar as eleições de 6 de Novembro. Contudo, o desconhecimento do Governo quanto ao que se passa na Europa, é péssimo para Portugal!

Passos Coelho, discípulo confesso e obediente da Senhora Merkel e mais papista do que o Papa, em relação à Troika, talvez ainda não tenha percebido que ninguém já parece acreditar nas políticas de austeridade para vencer a crise da zona euro. Nem sequer - julgo eu - a sua Professora Angela Merkel, embora às vezes não pareça e nunca o diga.

Contudo, os factos são o que são. O Governo português, influenciado pela sua ideologia neoliberal, obedece sem discussão à Troika, que nas suas grandes linhas, é contraditória, entre os seus membros. E, obviamente, à Senhora Merkel. Por isso se desinteressa dos Estados vítimas seus parceiros, a começar pela nossa vizinha Espanha, economicamente tão importante para nós. Ao contrário do Governo, o Secretário-Geral do PS, António José Seguro, tem vindo a criar uma rede importantíssima de contactos europeus. É o único político português, com grandes responsabilidades, que o tem feito!

Esteve recentemente em Berlim, onde foi recebido, para dialogar sobre a crise, com os líderes do SPD (Partido Social Democrata Alemão) que, com bastante probabilidade, ganhará, talvez com o voto dos Verdes, as eleições legislativas de 2013. São eles: o Presidente do SPD, Sigmar Gabriel; o Vice-Presidente, Hubertus Heil; o Presidente do Grupo Parlamentar, Frank-Walter Steinmeier; o Vice-Presidente, Axel Schäfer e ainda o Candidato do SPD a Chanceler, Peer Steinbrück.

Nessa mesma linha, Seguro foi recebido em Paris no Eliseu, por François Hollande, com o qual falou largamente; pelo líder do Partido Socialista Francês, Harlem Désir; pelo Presidente do Senado; e almoçou na Assembleia Nacional, com Philip Cordery, membro da Comissão dos Negócios Estrangeiros para os Assuntos Europeus.

Antes desta viagem, tão importante, Seguro tem estado frequentemente com o presidente do PSOE (Espanha), Alfredo Rubalcaba, e outros camaradas; na Itália, foi recebido pelo Presidente da República, Giorgio Napolitano, e pelo Presidente do Partido Democrático, herdeiro do ex-PSI, Luigi Bersani. E tem feito viagens frequentes a Bruxelas, para sentir o pulso do que se passa na União e no Parlamento.

Vem isto a propósito para salientar, como é incompreensível, que os dirigentes políticos portugueses da Coligação não se encontrem para debater a crise que se arrasta. E nomeadamente, o Senhor Primeiro-Ministro. Talvez por isso tenha tanta facilidade em dizer que a austeridade é decisiva e o resto não conta. Ora, não é assim. A austeridade leva-nos ao abismo e é isso que é necessário evitar. Além de afectar duramente o Povo Português, para nada, como se tem visto. Os europeístas Helmut Schmidt e Jacques Delors - para só citar os mais prestigiados - bem nos avisaram, mas até agora, infelizmente, para nada. O Governo não os ouviu...

Os partidos portugueses da Coligação desconhecem, por falta de contactos, o que está a passar-se na Europa e em especial na zona euro. O Primeiro-Ministro só fala - e ouve - a Chanceler Merkel. É muito pouca coisa. E hoje é o pior conselho. Vem visitar-nos e será homenageada pelo Governo, mas não poderá, seguramente, descer à rua. Como sucedeu na Grécia. Entretanto, o Primeiro-Ministro não tem manifestado solidariedade com os Governos de Espanha, de Itália e mesmo de França - para não falar da Irlanda e da Grécia, de que só sabe dizer, com uma ponta de

desprezo, "não somos a Grécia". É péssimo, porque parece não compreender o que representa a solidariedade. É um dos grandes valores da União Europeia...

Ora a austeridade - tal como a entende Passos Coelho, Gaspar e agora Portas - leva-nos à ruína mais negra. Todos os portugueses já o compreenderam. É, por isso, urgente mudar de política: pôr o acento tónico no crescimento económico e lutar, activamente, contra o desemprego. É o que o actual Governo não quer fazer. Por isso, quanto mais tempo passar, pior. É preciso que se demita ou seja obrigado a deixar o poder. Para se salvar o pouco que nos resta. Isso, sim, é o que se impõe em termos de interesse nacional.

O Partido Socialista Europeu está a reagir bem em cooperação, aliás, com o português. Mas a democracia cristã faz-nos grande falta. A doutrina social da Igreja, deve voltar, para ser coerente com o que se passa. É necessário que os católicos compreendam - como já aconteceu com alguns - que a austeridade nos leva ao desastre e que só a solidariedade europeia e Ocidental nos podem salvar, desenvolvendo o projecto europeu. Esta é a alternativa necessária!

3. A caça às bruxas

Há alguns meses que tenho vindo a dar-me conta que o Governo, que está a destruir, sistematicamente, o nosso Estado, embora não lhe tenha tirado as "gorduras", vai dando lugares aos seus apaniguados. Tenho para mim que é normal a substituição de pessoas nos cargos públicos, desde que mereçam. Mas uma tal substituição tem regras legais e éticas. Este Governo criou por lei uma Comissão elegendo a necessidade de transparência para substituir os titulares de empresas públicas ou equiparadas. Ora o Governo não cumpriu essa lei e não é a primeira vez que o faz. Dou o exemplo do que se passou com Vítor Ramalho, Presidente do Conselho de Administração da INATEL. Foi nomeado pelo Governo Sócrates. Quando o actual Governo tomou posse, Vítor Ramalho pôs o seu lugar à disposição, por ser socialista.

Como tinha feito uma excelente gestão da Fundação, com 76 anos de existência, que tem hoje 200 mil associados, normalmente gente humilde, foi-lhe dito pelo Ministro da tutela, Pedro Mota Soares, que não se justificava. Que "nem pensasse nisso". Passos Coelho, foi perguntado sobre a eventual demissão de Vítor Ramalho e foi-lhe respondido da mesma maneira.

Vítor Ramalho ficou. Passou um ano e tal em que realizou um trabalho excepcional. Abriu novas unidades hoteleiras nos Açores (na Graciosa e nas Flores, onde não havia) e outra em Linhares da Beira. Tornou o "grupo Inatel" no terceiro da hotelaria em Portugal, requalificando quase todos os equipamentos! Em 2011, apesar da crise, teve o melhor resultado de sempre na INATEL. Tendo realizado inúmeras iniciativas (teatro, séries de conferências, várias actividades desportivas, etc.). Toda a gente interessada sabe que é a verdade.

Curiosamente, o Ministro da tutela, nunca se interessou pela INATEL. Nunca recebeu Vítor Ramalho, que já leva mais de um ano sobre o actual mandato, nem respondeu às várias cartas que lhe escreveu. Silêncio total. O que além do mais representa um acto de indelicadeza inaceitável.

Na 4ª. feira passada, às 9,30 da noite, o Ministro telefonou-lhe. E deu-lhe a conhecer, abruptamente, que no dia seguinte de manhã havia um Conselho de Ministros, no qual seria substituído no seu cargo de Presidente.

Claro que Vítor Ramalho não precisa da INATEL para ganhar a sua vida. Mas podia não ser assim. Tanto que há um ano e tal pôs o lugar à disposição. Mas as pessoas não são trapos e não podem ser tratadas como tal. É isso o que conta nesta triste história. O Senhor Ministro procedeu com total indelicadeza. Embora para o que se tem visto de injustiça, de irregularidades e de desprezo pelas pessoas, que este Governo tem praticado, este gesto não passe de uma pequeníssima gota de água. Mas que, naturalmente, afectou os amigos de Vítor Ramalho, como eu.

Lisboa, 23 de Outubro de 2013